



noesis

Revista trimestral | n.º 72 Janeiro/Março 2008 | € 3,00 (com IVA incluído)



Dossier
Escrita Criativa

Entrevista
Cecília Menano

 Ministério da
Educação

dgidc
Direcção-Geral de Inovação
e de Desenvolvimento Curricular



Escrita criativa

Com larga experiência de orientação de Oficinas de Escrita nas escolas, Luísa Costa Gomes defende que o grande objectivo destas sessões consiste em permitir que os alunos “tenham uma experiência imediata das possibilidades literárias dos textos que escrevem”. Nuno Leitão, professor do 1.º ciclo, considera que a escrita criativa, não é apenas um poderoso instrumento de desenvolvimento linguístico, mas também de desenvolvimento pessoal. Para Margarida Fonseca Santos, responsável pela concepção e orientação de ateliers, a escrita criativa, mais do que um conjunto de exercícios, funciona como uma possibilidade de aceder a um novo mundo, descoberto para além dos caminhos habitualmente percorridos. Na Internet e em livros, os professores podem encontrar diversas reflexões e sugestões para desenvolver a escrita criativa com os seus alunos. Luís Mourão, professor do 1.º ciclo, relata como trabalha a escrita criativa com os alunos do 2.º ano, neste caso a partir de biopoemas. Helena Skapinakis, professora de Língua Portuguesa do 3.º ciclo, tira partido dos computadores portáteis para propor aos alunos que sejam mais criativos, desenvolvendo o seu património de ideias, de modo a torná-lo cada vez mais inesgotável.

● No terreno



UM ESCRITOR NA SALA DE AULA

Texto de **Luísa Costa Gomes**
Ilustração de **Raffaello Bergonse**

Luísa Costa Gomes integra o Programa Artes na Escola, desenvolvido no âmbito da Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC). Esta escritora, que promove Oficinas de Escrita destinadas a alunos dos ensinos básico e secundário, considera que a função do escritor na sala de aula não é ser professor de Português – é, antes, procurar que os alunos tenham uma experiência imediata das possibilidades literárias dos textos que escrevem.

Nunca no mundo se escreveu tanto como hoje. A indústria livreira é alimentada por uma miríade de produtos, alguns deles literários, outros para-literários e quasi-literários, escrevem-se jornais, revistas, cartazes, legendas de filmes e séries de televisão, *e-mails*, *sms*: tudo é escrito para ser lido e interpretado.

Os nossos alunos lêem pouco ou nada mas, melhor ou pior, escrevem permanentemente – apontamentos, testes, mensagens em *chats*, mensagens de telemóvel... A escola pretende dar-lhes competências para que comuniquem de forma a pelo menos não provocarem equívocos fatais.

Infelizmente, não lhes proporciona, o mais das vezes, o melhor de tudo: uma relação criadora com a Língua Materna, a experiência da Língua como matéria sensível e tangível que se pode aprender a modelar e a controlar para efeitos de expressão própria e fruição estética.

Escrever – imitações, *pastiches*, diários, artigos jornalísticos, cartas, diálogos, jogos de palavras - devia ser uma actividade diária dos alunos em fase de aprendizagem intensiva da Língua. Só escrevendo-a é que a Língua se mostra realmente por dentro nas suas múltiplas subtilidades, nas suas expressões idiomáticas, em toda a sua complexidade.

A relação directa e livre com a produção de texto leva a um saudável ambiente de desmistificação da cultura e da literatura, nunca confundindo a sua “desmistificação” com a relativização do seu valor. Pelo contrário, mostrando que é na dificuldade, na dúvida, na perplexidade, na tentativa e erro, na reescrita, no proceder de várias versões, que a forma certa surge, e não só para o aluno, também para o escritor; mas sobretudo esta relação directa com a produção leva ao prazer da escrita, à fruição estética da Língua.

Quantos adultos me confidenciam que gostam de escrever, ou gostaram de escrever *aquela* composição na escola, dizendo ainda hoje com um sorriso que a professora de Português “gostou muito”?

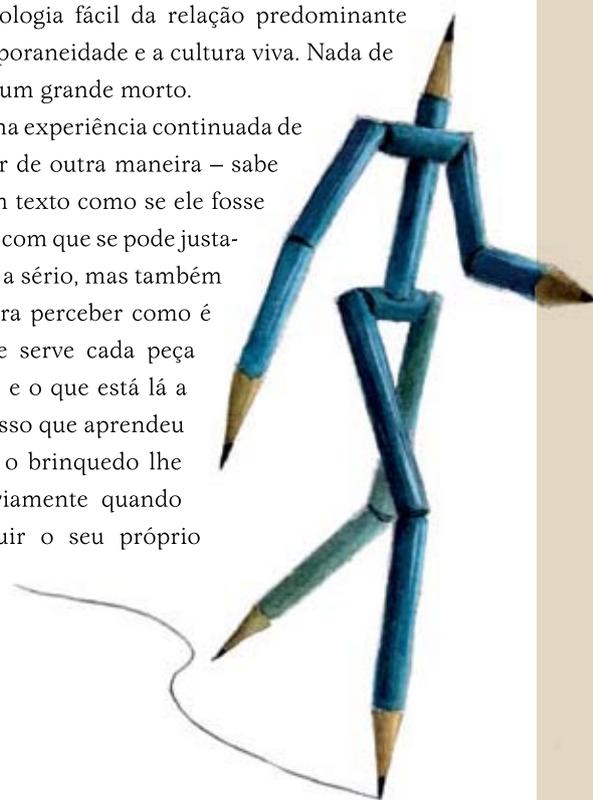
Apagar do escrito, do texto adoptado, do livro recomendado, a dificuldade vital da escrita, mostrar a obra de arte, incluindo a obra literária, como um achado arqueológico que funda no carácter histórico e museológico o seu valor indiscutível, é negar o processo de tentativa e erro, a fundamental experiência do fracasso, o processo de criação aberto que ele é, sempre foi.

Escrever devia ser uma actividade diária dos alunos em fase de aprendizagem intensiva da Língua.

Margarida Vieira Mendes, em “A Didáctica da Literatura”, defende essa conexão específica entre o objecto em construção e o método de ensino da Literatura. Produzir texto é estar mais próximo da instabilidade da procura, do questionamento das motivações e interesses próprios que constituem a verdadeira natureza de todo o empreendimento artístico e vivencial. Não estou a dizer com isto que se deve transformar cada aluno num escritor, mas que providenciar-lhe a experiência de escrever livremente é talvez um primeiro passo para o transformar em agente cultural em vez de espectador de telenovelas...

Quantos bloqueios em relação à escrita não serão devidos à mumificação dos textos literários clássicos como algo que se deve estudar? À relação puramente exterior e de contemplação académica com esses textos? Não se imagine sequer por um instante que menoscabo os textos clássicos e que faço a apologia fácil da relação predominante com a contemporaneidade e a cultura viva. Nada de mais vivo que um grande morto.

Mas quem tenha experiência continuada de escrita sabe ler de outra maneira – sabe chegar-se a um texto como se ele fosse um brinquedo com que se pode justamente brincar a sério, mas também desmontar, para perceber como é feito, para que serve cada peça do organismo, e o que está lá a fazer. Porque isso que aprendeu ao desmontar o brinquedo lhe vai servir obviamente quando quiser construir o seu próprio brinquedo.





A expressão “escrita criativa”
sempre me pareceu pleonástica.
A escrita, em princípio, é sempre
fruto de uma criação.

ESCRITA CRIATIVA E ESCRITA LITERÁRIA

Antes do mais, a expressão escrita criativa sempre me pareceu pleonástica. A escrita, em princípio, é sempre fruto de uma criação. Poderíamos, claro, estar a distinguir escrita criativa de escrita contabilística, mas Deus sabe que também essa é, por vezes, bastante criativa. Por isso, para realçar a especificidade desta escrita prefiro chamar-lhe escrita literária. E ainda por outro motivo: não é por acaso, parece-me, que a escrita criativa (a *Creative Writing*) conseguiu de algum modo lugar na escola.

É que a *Creative Writing* se constitui quase como um conjunto de técnicas que permitem melhorar as competências narrativas (como se a competência narrativa fosse independente daquilo que se narra) e, pior ainda, melhorar a seco os aspectos estéticos da arte literária, como se escrever literariamente não passasse de um bom enquadramento das boas práticas. Escrever tecnicamente é uma competência vazia. Para mim, esta pragmática da produção textual, quando tomada em termos absolutos, é em definitivo a morte do artista.

Posto isto, é evidente que os princípios da *Creative Writing* são úteis a quem pretenda fazer experiências de escrita. São regras importantes, daquelas que se deve conhecer, quanto mais não seja para as subvertermos. Normalmente uso alguns exercícios típicos da escrita criativa, mas na Oficina de Escrita Lúdica (Básico e Unificado) recorro bastante mais a exercícios de constrangimento usados pelo *OuLiPo* (*Ouvroir de Littérature Potentielle*), de Raymond Queneau, François Le Lyonnais e Georges Perec, entre outros. À pragmática da escrita criativa, os *oulipianos* contrapõem a sua “literatura voluntária” de exercícios de estilo e jogos combinatórios. São acrósticos, brincadeiras com palavras, escrita a partir de gestos, *cadavres exquis*, invenção de línguas, etc...

Escritor é quem passa (idealmente, pelo menos) o melhor do seu tempo a ler e a escrever. É, por natureza, um leitor activo, crítico, diria quase rapace. Esta é uma ideia que parece evidente, mas que o é cada vez menos. Oriento há muitos anos Oficinas de Escrita, em escolas e fora delas, e cada vez é maior o número de potenciais escritores que não gostam de ler e não têm qualquer apetência por entrar em relação com a tradição literária.

O escritor ignorante não é, no entanto, a meu ver, uma grande invenção. Por não ter formação, tem também a maior das dificuldades em exercer sobre os seus textos o espírito crítico e a severa vigilância de que eles precisam. Por isso, o melhor conselho que posso deixar aos alunos é que leiam só e exclusivamente boas coisas – para escrever, para viver, comecem por ler, estudar e imitar os clássicos.

A OFICINA DE ESCRITA

O primeiro objectivo da Oficina de Escrita, tal como a entendo, é procurar despertar nos alunos a sensibilidade para a especificidade do literário e para a apreciação crítica da sua qualidade – e isto não do ponto de vista da recepção, mas do ponto de vista da sua criação. Não é, por isso, uma actividade didáctica em sentido estrito, mas uma acção pedagógica em sentido lato. A Oficina não é uma aula de composição, não é um lugar em que se fazem redacções belamente adjectivadas, não ensina a contar histórias bem contadas. Ou faz isso tudo, claro, mas não é esse o seu propósito essencial.

O escritor na sala de aula não é professor de Português – procura que os alunos tenham uma experiência imediata das possibilidades literárias dos textos que escrevem. Cria um ambiente colaborativo em que se desbloqueia e se encoraja a relação com as potencialidades fundamentalmente expressivas e estéticas da escrita. Permite uma experiência de autonomia que é temida/desejada pelos alunos.

Muitas vezes inicio a sessão, sobretudo no secundário (Oficinas de Escrita de Conto e Oficinas de Escrita de Teatro), sugerindo aos alunos que comecem por fazer, em cinco minutos, uma pequena sinopse de três linhas do texto que querem escrever. Depois de exporem individualmente as ideias que têm, procuro discutir com cada um as potencialidades daquela sinopse. Valorizo fundamentalmente a originalidade (mesmo que despropositada ou exibicionista), a simplicidade, alguma rugosidade que me pareça interessante, uma maneira de dizer que é diferente, uma relação que me pareça autêntica, toda a espontaneidade emocional. É objectivo da Oficina transmitir a noção de que a imaginação individual é a matéria-prima da ficção (e da vida do espírito) e que por isso deve ser libertada, encorajada e exercitada. Também pela mesma razão desvalorizo os “formatos”, as ideias telenovelas, as ideias retóricas e convencionais do que “deve ser” um texto literário e combato em geral tudo o que cheire a “fórmula”.

A Oficina de Escrita deve ser um momento de intimidade do aluno com o que verdadeiramente o interessa. Escrever sobre o que o interessa despoleta, pelo menos em termos ideais, uma forma pessoal de dizer. Alertados os alunos para os perigos e dificuldades, possibilidades e impossibilidades dos textos que querem escrever, e telegraficamente transmitidos os conhecimentos técnicos necessários e isto partindo sempre da minha experiência, formação e gosto segue-se a escrita dos dois primeiros parágrafos do texto.

Quero só abrir um parêntesis para chamar a atenção para um facto óbvio, mas que nunca é demais realçar: a relação que estabeleço com os alunos na Oficina é pessoal. Quer dizer que não ajo segundo o manual e que provavelmente não digo o que devia dizer; trato os alunos como “escritores”, porque eles estão a escrever; peço a colaboração dos alunos na apreciação dos textos dos colegas; as opiniões que exp-

rimo são compreensivelmente diferentes das de outros escritores, porque a arte e a relação com ela são do domínio do inteiramente pessoal e é assim que aprecio os textos que me são propostos. Também por isso é de extrema importância a preparação do trabalho do escritor na sala de aula. Se o aluno estiver devidamente informado e motivado, a experiência que fará na sessão será muito diferente.

Os professores não estão presentes na Oficina. Por duas razões: primeiro, na minha opinião, a autoridade não se deve partilhar. Em segundo lugar, a Oficina devia proporcionar aos alunos uma experiência de autonomia em relação ao espaço da aula, da didáctica, da escola. O trabalho em Oficina é voluntário e responsabilizante e não é passível de avaliação sumativa; não quer dizer que não seja muito bem apreciado, e o aluno devidamente encorajado, principalmente se tiver valor. ::

*Luísa Costa Gomes é romancista, contista, dramaturga e cronista. Os professores encontram em www.luisacostagomes.com bastante material informativo. O Programa Artes na Escola inclui os programas específicos dos escritores para os diversos níveis de ensino e encontra-se *online* no site da DGIDC.

O PROGRAMA ARTES NA ESCOLA

O Programa Artes na Escola, que teve início há quase dez anos e contou com a participação de Maria Velho da Costa, Lídia Jorge, João de Melo e Gastão Cruz, continua a funcionar na Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC). Os professores-escritores que neste ano lectivo integram o programa são o poeta Paulo Teixeira e eu própria. A pintora Graça Morais, que verá inaugurar em Bragança, muito brevemente, um museu com o seu nome, apoia a área das Artes Visuais.

Desde o ano 2001 que trabalho com escolas de todo o país, fazendo acções de motivação para a leitura em salas de aula, centros de recursos, anfiteatros, bibliotecas e Oficinas de Escrita Lúdica, de Conto e de Teatro para todos os níveis de ensino, do básico ao secundário. Em muitas escolas,

os alunos nunca fizeram Oficina de Escrita, noutras escolas há Oficinas de Escrita a funcionar regularmente.

A diversidade das situações exige diversidade nas abordagens, na natureza da minha participação, nos métodos e nos exercícios propostos.



Questões e razões



AS PALAVRAS TAMBÉM SAEM DAS MÃOS

Texto de **Nuno Leitão**
Cooperativa de Ensino "A Torre"
Ilustração de **Raffaello Bergonse**

Um programa de escrita criativa, devidamente estruturado, faseado e hierarquizado, que conduza os alunos a propostas e a desafios de escrita de complexidade sempre crescente, constitui não só um poderoso instrumento de desenvolvimento linguístico, como também um poderoso instrumento de desenvolvimento pessoal.

A escrita tem sempre uma dupla dimensão – a do conteúdo e a da forma. Enquanto proposta de trabalho dirigida a estudantes, a escrita criativa não pretende senão desenvolver neles uma prática de escrita personalizada e eficaz, tanto ao nível da substância, como ao nível da forma.

Assumida a escrita como um procedimento criativo (isto é, um procedimento que nos permite as mais diversas variações sobre determinado tema ou conteúdo), os estudantes produzem os seus próprios textos, experimentando e explorando tanto quanto possível uma série de constrangimentos linguísticos associados ao acto de escrever.

Idealmente, o professor deve acompanhá-los nos exercícios que propõe, escrevendo com eles e submetendo-se ao mesmo tipo de constrangimentos com que desafia criativamente os seus alunos. No fim de cada sessão, a partilha dos resultados alcançados entre redactores (alunos e professor) é sempre um factor estimulante na prossecução dos trabalhos de escrita da turma.

Mas para pôr em prática um projecto desta natureza é necessário criar etapas de trabalho que permitam aos alunos experienciar e resolver os diferentes níveis de constrangimento implícitos no acto de escrita de um texto.

Por um lado, um leque mais ou menos amplo de propostas deverá servir de base a um conjunto de exercícios práticos de redacção, através dos quais, gradualmente, os estudantes adquirirão, de forma cada vez mais autónoma, as competências de escrita necessárias a uma boa produção de textos e a uma boa avaliação crítica dos mesmos.

O que está em causa é sobretudo a possibilidade de cada redactor se ver confrontado, passo a passo, com a necessidade de tomar decisões relativamente aos desafios que lhe são lançados.

Por outro lado, cada um dos exercícios de escrita propostos deverá igualmente abrir um leque mais ou menos amplo de possibilidades de realização, na medida em que o que está em causa não é apenas trabalhar sobre o que se pretende dizer (escrever), mas igualmente sobre como dizer (escrever) o que se pretende.

A prática da escrita criativa deve portanto estar ancorada numa metodologia que privilegie um tratamento global do texto escrito, mas que permita aos estudantes, em simultâneo, a adopção de um percurso faseado e hierarquizado na sua actividade continuada de produção de textos. O que está em causa é sobretudo a possibilidade de cada redactor se ver confrontado, passo a passo, com a necessidade de tomar decisões relativamente aos desafios que lhe são lançados.

→ UM PODEROSO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO LINGUÍSTICO E PESSOAL

Se considerarmos que a montante de qualquer produção escrita está o próprio acto da escrita e a jusante os seus capitais de sentido (eles mesmos produto de uma determinada construção que é fruto de um certo número de operações mentais e opções de escrita), é todo esse percurso que importa percorrer se quisermos fazer de qualquer texto escrito um acto de criação.

Com o tempo, desejavelmente, o conjunto de exercícios de escrita propostos que servem de pretexto às realizações dos estudantes em sucessivas sessões de escrita criativa favorecerá neles o desenvolvimento de uma sensibilização crescente para os aspectos estéticos dos textos e para o domínio da linguagem, enquanto veículo privilegiado de diálogo, percepção e reflexão pessoais na ligação dos sujeitos à vida e ao mundo.

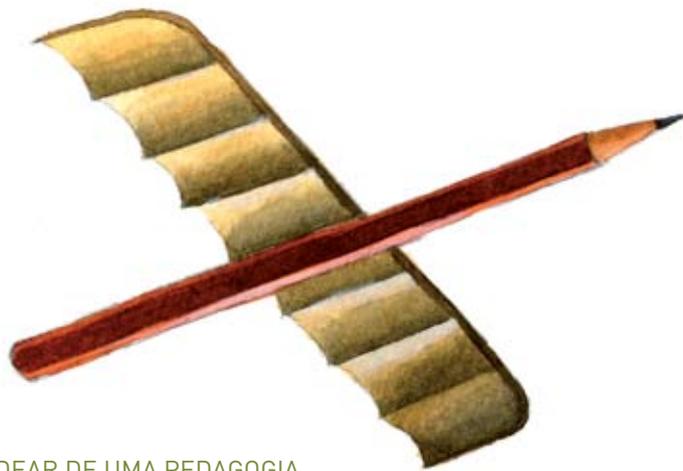
Quando devidamente estruturado, faseado e hierarquizado, um programa de escrita criativa, que conduza os estudantes num espectro de tempo amplo a propostas e desafios de escrita de complexidade sempre crescente, constitui não só um poderoso instrumento de desenvolvimento linguístico (sobretudo no que toca ao despertar de ideias nos estudantes e ao estímulo da sua imaginação em todo o processo e esforço de transposição das suas próprias ideias para o papel), como constitui também um poderoso instrumento de desenvolvimento pessoal.



Senão vejamos: a mais elementar proposta de escrita convoca os alunos para um acto de comunicação que os obriga, numa primeira instância, à estruturação do seu pensamento no sentido de produzirem e organizarem ideias para, numa segunda instância, as estruturarem num discurso pessoal e autónomo através do uso da palavra escrita.

Os significados textuais vão sendo portanto estabelecidos por via de uma acomodação constante entre a capacidade pessoal de cada redactor gerar ideias e a sua capacidade de, ao mesmo tempo, as organizar em discurso escrito. Claro que quanto maior a capacidade de improvisação dos alunos redactores (e os exercícios de escrita devem conduzi-los progressivamente no desenvolvimento desta capacidade), maior a sua capacidade de organização da expressão linguística e do sentido que a acompanha.

A partir de determinada etapa de um programa de escrita criativa devidamente estruturado, os estudantes deverão ser capazes de pensar para cada proposta ou desafio de escrita em, pelo menos, duas ou três soluções diferentes. Tal significará que foram já conquistadas duas etapas cruciais para poder assumir-se a autoria de um texto – qualquer delas exigindo o desenvolvimento de capacidades intelectuais complexas: em primeiro lugar, abarcar pelo pensamento o conjunto do discurso que se pretende desenvolver por escrito, sob a forma de síntese; em segundo lugar, ocupar-se da formulação linguística original de cada uma das frases do discurso escrito.



→ O DESENCADear DE UMA PEDAGOGIA COM BASE NA PERGUNTA

Mas um texto, por pequeno que seja, não se escreve inteiro, de uma vez. Ele vai sendo trazido à luz através de pequenas unidades discursivas – as frases do redactor – que, por sua vez, se organizam a partir de unidades ainda mais pequenas – as suas palavras. Palavras e frases seleccionadas pessoalmente por cada um, em função de um exercício proposto e onde, por isso mesmo, o modo como se diz (escreve) é tão importante como o que se diz (escreve).

Esta dimensão mais subjectiva do discurso, a par dos conteúdos da escrita, desencadeia potencialmente em cada redactor uma resposta afectiva ao desafio lançado e, com ela, a apetência para povoar de conotações pessoais o texto que se propõe escrever. Mais: a escrita de um texto como resposta a um desafio que confronta quem escreve com determinado constrangimento de linguagem instaura, por si só, uma ‘pedagogia’ com base na pergunta, cuja mais-valia educativa reside no facto de cada pergunta surgir livre e espontaneamente na mente dos redactores.

São perguntas que surgem sempre que é preciso tomar decisões sobre o que escrever e como escrevê-lo. Perguntas que surgem sempre que o autor do texto se interroga sobre como avançar nele; sempre que se chega a uma encruzilhada textual e é possível optar por mais do que um caminho; em suma, sempre que é preciso face ao texto redigido fazer uma escolha que o faça progredir até à solução intelectual final que se busca.

Escrever de forma criativa conduz assim os alunos a um esforço inteligente na construção dos significados textuais, onde a capacidade de (se) interrogar acaba por revelar-se crucial no processo hermenêutico de pergunta/resposta inaugurado pela relação que cada um cria com o seu próprio texto por via das palavras e frases que escolhe escrever. É todo este processo que permite, no fundo, que os significados textuais sejam simultaneamente construídos como significados pessoais.

O exercício da escrita com cariz criativo não é apenas uma experiência pessoal relevante, mas também uma aplicação da própria experiência pessoal dos alunos redactores.

→ UMA FORMA DE REDESCREVER O MUNDO

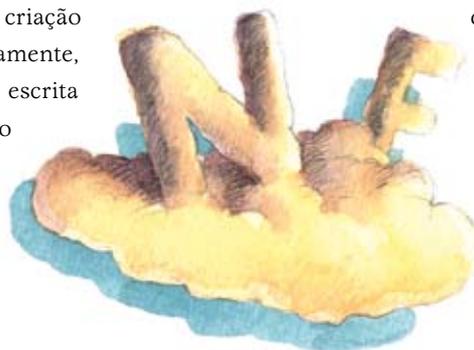
Em sessões de escrita criativa, a escrita é uma experiência que, no seu próprio processo de constituição, continuamente se (re)constrói e se (re)organiza, em função do curso dos acontecimentos narrados e do mundo textual por eles aberto. Há assim toda uma actividade reflexiva, pensante, que é desencadeada a partir de uma proposta de escrita, promovida justamente pela interacção entre os redactores e o desafio com que são confrontados ao longo de todo o processo de escrita.

Nos momentos de trabalho em escrita criativa, o acto de pensar começa com uma qualquer proposta de escrita contendo determinado constrangimento/desafio ao nível da organização do discurso escrito e prolonga-se com a própria experiência da escrita que, aplicada por associações e mecanismos de identificação vários às experiências pessoais dos redactores, tem possibilidade de lhes esclarecer os contornos, ampliar-lhes os limites e dirigir, potencialmente, as suas experiências futuras.

Nesta perspectiva, o exercício da escrita com cariz criativo não é apenas uma experiência pessoal relevante, mas também uma ampliação da própria experiência pessoal dos alunos redactores – com potenciais reflexos para a sua vida e para a sua relação com o mundo.

Na verdade, a linguagem humana é não só uma poderosa ferramenta para a organização da nossa experiência do mundo, como para a própria constituição mental daquilo que entendemos como mundo. Daí que nenhum texto escrito se confine jamais a uma mera descrição do mundo através da linguagem porque a própria linguagem opera com o seu sentido na construção de uma nova realidade. Qualquer texto (criativo), mais do que reproduzir o mundo, redescreve-o, criando com isso uma nova realidade ou, se quisermos, uma realidade alternativa.

Porém, esta nova realidade só se produz pela criação de imagens mentais por parte de quem, criativamente, redige o texto – é neste sentido que o acto de escrita pode ser entendido em si mesmo como um acto criador. A evocação de imagens a que a escrita de um texto conduz permite sentir e pensar acerca de coisas ausentes, ou mesmo inexistentes, como se elas existissem e estivessem presentes.



Por isso é que o exercício criativo da escrita, para quem escreve, é sempre uma experiência ampliadora: cada texto escrito inaugura um mundo de experiência que abre, no plano existencial, um conjunto de novas possibilidades (ainda que virtuais) de existência, à luz das quais o próprio mundo dos redactores se recria e refigura.

De facto, a escrita de um texto permite a assunção de um mundo textual cujo sentido cabal resulta do seu entrelaçamento com o mundo pessoal de referência dos alunos que o redigem. A construção do significado pessoal de um texto criativo deriva precisamente desta interacção entre o mundo do texto e o mundo dos seus redactores, abrindo nestes – e a partir do seu íntimo – novas visões do mundo e a perspectiva de novas possibilidades de existir nele.

Deste ponto de vista, a prática continuada da escrita criativa pode, com o tempo, permitir aos estudantes a noção de que o mundo que habitamos não tem que ser, necessariamente, tal como se nos apresenta. O exercício criativo da escrita – porque através do progressivo domínio escrito da língua a liberta para as suas infinitas possibilidades de significação – oferece, no limite, a possibilidade de conceber estados de mundo diferentes, mundos (textuais) alternativos que, enquanto construções mentais, permitirão aos estudantes um papel activo na elaboração e reelaboração do seu próprio mundo, se entendido também ele como construção social e produto de cultura. ::

● Feito e dito

ESCRITA CRIATIVA: UMA JANELA ABERTA PARA UM NOVO MUNDO

Muito mais do que um conjunto de exercícios, a escrita criativa tira partido de ferramentas, utilizadas para aceder a um novo mundo, descoberto para além dos caminhos habitualmente percorridos.

É esta a ideia defendida por Margarida Fonseca Santos, responsável pela concepção e orientação de ateliers de escrita criativa destinados a crianças e jovens.

Entrevista de **Elsa de Barros**
Fotografias de **Henrique Bento**



A escrita criativa é como uma janela que se abre?

É uma forma de acedermos à criatividade no sentido mais amplo da palavra. O fundamental não é que os textos construídos nos momentos de escrita criativa sejam muito especiais ou muito bem elaborados. O mais importante é que cada aluno, ao escrevê-los, vá descobrindo o caminho para dentro de si, vá identificando as associações que consegue fazer e juntando pensamentos que, à partida, não costumam estar associados. No fundo, é como abrir uma janela para dentro, para se descobrir a si próprio em matéria de criatividade.

Neste sentido, a escrita criativa acaba por ser mais um meio do que um fim?

A escrita criativa é um modo de termos acesso a esse mundo interior de criatividade e de associação de ideias, para sermos capazes de o expressar, neste caso através da escrita. Às vezes, há crianças que não conseguem chegar a esse mundo tão facilmente através da escrita, mas que são capazes de o fazer através do desenho ou da música. Nem todas têm de ser muito boas, à partida, a lidar com a expressão escrita. Por esse motivo, geralmente a escrita criativa não é trabalhada isoladamente, mas sim associada às outras expressões. O caminho para lá chegar pode ser através do desenho ou da audição de uma música.

Mas também existe a preocupação de trabalhar a escrita?

Esse é um ponto muito sensível. Quando se está a trabalhar a criatividade em torno da escrita, não se deve estar sistematicamente a corrigir os erros ortográficos. Se a criança quer expandir a sua

criatividade, usando palavras que nunca usou e fazendo associações que nunca fez, não o consegue recorrendo apenas ao material que sempre utilizou. Tem de ir por caminhos diferentes. Esses caminhos diferentes levam a que, por vezes, escreva palavras com incorrecções ortográficas. A pontuação, a estrutura das frases e os tiques de linguagem também interferem com o escrito e, por vezes, constatamos que um texto teria a ganhar se fosse melhorado. Mas esse é um trabalho posterior. A primeira parte, que implica deixar correr a criatividade, não deve estar centrada nestes aspectos.

Quando orientam ateliers, qual o primeiro passo para desbloquear a criatividade?

Independentemente da idade das crianças ou dos jovens, começamos sempre por contar uma história. Princípios por oferecer qualquer coisa. Quando trabalhamos com alunos do secundário, estes por vezes reagem com alguma perplexidade, julgando que estão a ser infantilizados. Mas, depois de ouvirem uma história tradicional, em que o fim não é tão risonho como ao princípio poderia parecer, reconhecem que, afinal, “até é fixe”.

Porque, afinal, não era a versão cor-de-rosa que eles conheciam...

As histórias não têm de ser uma versão cor-de-rosa. Há histórias bastante duras que podem ser contadas.

Depois de contada a história, qual o passo seguinte?

O momento em que o animador conta a história para o grupo é verdadeiramente mágico. Depois desse momento, quando chega a altura de pedir alguma coisa, os alunos já estão mais

disponíveis para entrar no jogo. Geralmente, são propostos dois tipos de exercícios. Um dos exercícios, mais curto, consiste em brincar com as palavras e tem como objectivo desbloquear os caminhos que habitualmente fazemos para pensar. Para tal, tem de se criar um obstáculo, como por exemplo contar a história da “Lebre e da Tartaruga” sem utilizar a letra u. Neste caso, começa logo mal, porque já não pode entrar na história uma tartaruga – pode ser um cágado, uma lesma ou qualquer outro animal que não tenha u. A ideia, no fundo, é criar um constrangimento que funciona como um desafio. Os alunos, perante a dificuldade, não conseguem ir a direito e têm de se desviar do caminho que habitualmente percorrem. Ao terem de se desviar e de procurar outros caminhos, começam a ginasticar a associação de ideias.

Trata-se, no fundo, de os pôr a desbravar um mundo desconhecido...

Exactamente.

Quais são os aspectos com os quais se deve ter especial cuidado no desenvolver deste processo?

Há aspectos com os quais temos de ter muito cuidado, nomeadamente com a questão da avaliação dos textos elaborados no âmbito das oficinas de escrita criativa. Não se pode dizer, por exemplo, que um texto não ficou nada de especial. A avaliação tem de ser realizada em conjunto e sempre numa perspectiva construtiva. Se alguém quiser fazer alguma observação sobre um texto, tem de apresentar uma sugestão para o melhorar. A perspectiva tem de ser sempre a de fazer ainda melhor. Um texto nunca está acabado.

Costumam fazer algum trabalho de texto depois de as histórias estarem construídas?

Depende das idades. Se as crianças são muito pequenas, é difícil, mas, quando trabalhamos com alunos mais velhos, investimos na depuração do texto. Podemos retirar as repetições, os tiques de linguagem ou, pelo contrário, acrescentar palavras ou expressões que vão enriquecer a história. Sabendo sempre que um texto nunca está acabado e que, cada vez que revemos aquilo que escrevemos, podemos sempre mudar mais alguma coisa.



Qual é o objectivo final dos ateliers de escrita criativa?

Com os mais pequenos, o objectivo é que escrevam um texto, cumprindo o desafio que lhes foi colocado. Ao fazê-lo, é fundamental percebermos que o mais importante não é chegar à meta, mas sim

o percurso. Deve ser valorizado aquilo que provoca uma associação de ideias diferentes, uma utilização de vocabulário que não lhes é comum, o recurso a pontuação que não lhes é familiar.

Quais são as principais diferenças entre o trabalho desenvolvido com os alunos mais novos e com os mais crescidos?

Consegue-se ir mais longe quando os alunos são mais crescidos, se bem que também haja vantagens no facto de serem mais novos. Nos 1.º e 2.º ciclos, as crianças ainda estão muito abertas, muito livres, expõem-se, riscam à vontade e riem-se das histórias inventadas. No 3.º ciclo e no ensino secundário, embora os alunos já tenham capacidade para irem mais além em termos de construção de texto, por outro lado são muito mais tímidos e reservados. Para porem cá fora aquilo que verdadeiramente gostavam de exprimir, muitas vezes não conseguem fazê-lo na primeira nem na segunda aula, mas apenas quando estamos quase no fim das oito sessões. É um processo mais lento, mas mais frutuoso, porque acabam por ter mais consciência do trabalho que estão a fazer.

Qual a principal dificuldade sentida pelas crianças para escreverem de uma forma criativa?

As crianças, muitas vezes, não sabem que para contar uma história tem de haver um momento na vida das personagens em que acontece qualquer coisa que faz com que o enredo tenha de mudar. Há crianças que escrevem histórias sobre passarinhos que viviam no ninho, que tinham muitos irmãos e iam sempre buscar o milho ao mesmo local. Mas, para que haja uma história,

as personagens um dia não podem ir buscar o milho ao mesmo lugar, ou então a árvore onde estava o ninho tem de ficar sem folhas. Tem de acontecer sempre qualquer coisa que empurre a personagem para uma nova situação.

Qual a duração habitual das sessões que promovem nas escolas?

Geralmente, têm a duração de uma hora, hora e meia. O grande problema de trabalhar com as escolas é que, normalmente, os ateliers correspondem a situações pontuais, o que é uma frustração. Na verdade, só há tempo para chamar a atenção dos alunos para aquilo que é possível fazer, mas não há tempo para fazer. Quando se trata de escolas privadas, costumamos fazer oito sessões de uma hora cada, o que já permite dar continuidade ao trabalho e chegar a um determinado ponto.

Considera que a escrita criativa é mais do que um conjunto de técnicas?

A escrita criativa utiliza um conjunto de ferramentas. É como se nós fôssemos para uma sala de aula e levássemos uma caixa de ferramentas. Só que as ferramentas não são o objectivo, mas sim o meio para chegar à nossa própria criatividade, para descobrir o nosso mundo. Todos nós temos de ser empurrados, de alguma forma, para descobirmos outros caminhos. Só mudamos o trajecto de casa para o trabalho se, por acaso, tiver rebentado uma conduta de água. Caso contrário, não nos lembramos de o fazer. Passa-se o mesmo com a escrita ou com as outras expressões. A ideia é criar condições para que os alunos excedam esse universo limitado constituído pelos caminhos que geralmente traçam. Todas essas ferramentas servem exactamente

para isso. São utilizadas para levar a associar as ideias de uma forma diferente, para que os alunos possam ir mais fundo, chegar mais longe na capacidade de se exprimirem, seja na escrita, no desenho ou na música. Depois de se descobrirem esses caminhos, permanecem as memórias de se terem feito determinados exercícios e, noutras circunstâncias, recorre-se aos mesmos processos.

Concretamente, que tipo de exercícios pode ser proposto aos alunos?

Por exemplo, dizer palavras à toa e escolher as duas mais longínquas, de modo a criar um binómio fantástico de Rodari¹. Ou escrever um texto em que a última letra de uma palavra tem de ser a primeira da palavra seguinte. Esta dificuldade causa um tal constrangimento que, uma vez ultrapassada, o texto sai corrido, solto. Estas ferramentas, depois de conhecidas, podem ser usadas como recursos para ultrapassar determinados bloqueios. Se as pessoas, ao escreverem, se sentirem um pouco encailhadas, podem recorrer a um exercício destes, como por exemplo escreverem palavras com uma letra a menos, escreverem substantivos todos começados pela mesma letra, ou escreverem num espaço delimitado por quadrados, até que chegam a uma altura em que desejam ultrapassar o constrangimento e escrever de uma forma solta.

A escrita criativa é uma janela que se abre para dentro, mas também para fora.

Quando uma pessoa se conhece melhor por dentro, começa a exprimir-se melhor para fora. Principia, sobretudo, a ter espírito de descoberta, porque todos estes exercícios implicam algum esforço, uma

vontade de ir mais longe. No fundo, é isso que é necessário nos dias de hoje: ter iniciativa e vontade de descobrir mais, sentir que o nosso mundo não tem de acabar naquilo que conhecemos. Temos sempre a possibilidade de procurar, de experimentar. A escrita criativa ou qualquer meio de acesso à criatividade funciona como um empurrão para se fazerem todas essas experiências.

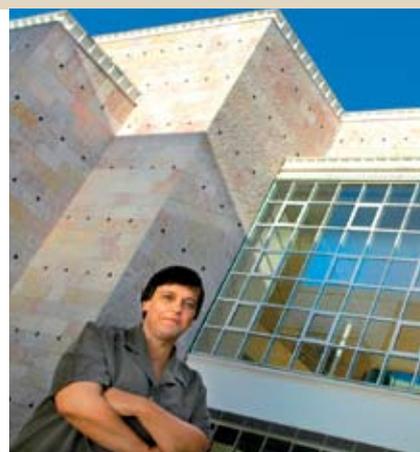
É também uma forma de nos posicionarmos perante a vida e de lidarmos com o mundo.

A escrita criativa ou, num sentido mais lato, o desenvolvimento da criatividade muda a atitude perante a vida, a nossa forma de encarar os acontecimentos. De certo modo, é uma atitude que implica percebermos que, se nos confrontarmos com um determinado limite, vamos ter de o contornar. É uma possibilidade de acedermos ao pensamento lateral, um tipo de pensamento que, geralmente, não é estimulado. O pensamento lateral tem a ver com as soluções que não são óbvias e que, até podendo parecer descabidas, podem ser grandes invenções.

Em última análise, a escrita criativa contribui para a própria formação do indivíduo.

Ao trabalhar a criatividade, estamos a educar com E grande. A educar e a ser educados. Todos nós, quando trabalhamos na área da escrita criativa, estamos constantemente a ser confrontados com experiências novas e com descobertas. Após esse confronto, não se permanece igual. Porque se começa a encarar as dificuldades como desafios, como etapas para chegar a novos patamares. ::

¹ Autor da “Gramática da Fantasia – Introdução à arte de contar histórias” (ver página 40)



Perfil Margarida Fonseca Santos

Margarida Fonseca Santos já mudou o seu destino – não apenas uma, mas várias vezes. A primeira vez foi logo à saída do liceu, quando entrou para o Instituto Superior Técnico, com o objectivo de ser engenheira... mas não gostou e deu continuidade aos estudos no Conservatório, na área da Música. Aquilo que desejava era ser professora de Formação Musical mas, quando começou a dar aulas na Escola de Superior de Música de Lisboa passou a ensinar os outros a fazer aquilo que mais gostava de fazer. Quando se viu sentada a uma secretária a falar sobre Música percebeu que estava outra vez na altura de mudar o seu destino. Com os filhos já nascidos, deu azo à vocação de lhes contar histórias à noite e, tantas histórias contou, que teve de começar a inventar novos enredos. Uma amiga sugeriu-lhe que escrevesse as histórias que inventava e Margarida aceitou o desafio. Para ir mais longe, decidiu fazer um curso de escrita criativa, durante um ano, na Aula do Risco, onde aprendeu que, acima de tudo, a criatividade é um estádio ao qual se acede. Já fascinada por este novo mundo, fez outros cursos e começou a publicar livros infanto-juvenis, até que reuniu condições para mudar, uma vez mais, o seu destino. Foi então que deixou de dar aulas na Escola Superior de Música para se passar a dedicar à concepção e orientação de ateliers de escrita criativa para crianças e jovens.



ESCRITA CRIATIVA NA NET

Através da Internet, professores e alunos podem aceder a um manancial de informação sobre escrita criativa, que vai desde documentos de apoio a entrevistas com formadores nesta área, passando por sugestões de actividades e blogs de partilha de trabalhos criativos.

Texto e recolha de **Rui Seguro**

→ Sítios

<http://palavracriativa.googlepages.com/>

O sítio *Palavra Criativa* possui, para além de alguns ensaios, textos sobre técnicas, informação sobre filmes que abordam a escrita criativa e ligações úteis a outros sítios. Criado recentemente por João de Mancelos, este sítio tem uma apresentação gráfica muito cuidada.

Do sítio destaca-se uma sugestão para desenvolver capacidades essenciais ao trabalho de escrita. Trata-se de um exercício para treinar todos os sentidos, de modo a que o estudante possa dar uma descrição mais perfeita e completa do que observa. Eis os vários passos do exercício:

- Sem que os estudantes vejam, o professor coloca num saco opaco vários objectos: um relógio despertador antigo, uma pedra, uma boneca, um coco ou outro fruto, etc.
- Cada estudante, de olhos fechados, retira um objecto do saco.
- Em seguida, ainda de olhos fechados, explora esse objecto recorrendo aos sentidos que considera mais apropriados: o tacto, o paladar, a audição, o olfacto.
- O professor coloca várias questões: que adjectivos associa

ao objecto que retirou? Personifique esse objecto: é agressivo, amigável, solitário?

- Baseado nos apontamentos, e agora já recorrendo à visão, o estudante elabora um parágrafo sobre o objecto.
- Os parágrafos são lidos e comentados pela turma. O professor parte dessa experiência para introduzir algumas técnicas ligadas à descrição.

<http://pagina.netc.pt/~ne17608a/Escrita/index.html>

Esta página, apesar de não ser actualizada há muito tempo e de ser visualmente pouco atraente, tem a qualidade de ter muitas informações úteis, diversas sugestões de estratégias e actividades para se criar um ambiente criativo. Este sítio, destinado preferencialmente a professores, foi construído por Luís Filipe Redes.

Da página destacam-se algumas sugestões que podem ajudar o professor a promover um ambiente criativo:

- Valorizar o trabalho com erros, embora solicitando a sua correcção, antes da edição.
- Dar tempo aos “escritores” mais lentos.

- Criar situações de comunicação em que os trabalhos dos alunos têm como destinatários a comunidade da turma ou outra mais vasta.
- Negociar o momento da edição do trabalho com o aluno.
- Aceitar diferenças de estilo, evitando a padronização.
- Propor tópicos abertos que permitam realizações muito diferentes não dando o mesmo trabalho a todos.
- Propor exercícios estimulantes de novas associações de sons, conceitos, palavras, frases, temas.
- Escrever e expor a sua própria escrita (veja o *Diário*, de Sebastião da Gama).
- Agrupar, compilar, publicar os trabalhos dos alunos, para que estejam acessíveis a qualquer leitor.
- Propor soluções, alternativas mais fáceis, mas deixando aos alunos autonomia para seguirem o seu caminho.

<http://www.riscoserabiscos.pt.la/>

Este sítio reúne os resultados de actividades e exercícios relacionados com a escrita criativa tornando a escrita mais divertida, procurando acabar com o medo de escrever e promovendo o gosto pela leitura. Este é um projecto que busca uma maior união entre a escola e a sociedade.

Não existe um limite de idade para participar neste sítio. A publicação de trabalhos, o reconhecimento do seu valor por outros e a troca de ideias são factores importantíssimos para motivar e desenvolver as competências das crianças e dos jovens.

Aqui pode ler contos, poemas e outros textos de autores bem conhecidos. Propõe igualmente uma série de jogos que podem ser experimentados, ensina a construir fantoches e dá sugestões para uma boa representação.

Pretende-se que os utilizadores leiam as actividades na página, mas que estas os impulsionem a interagir com o exterior, a brincar com outras crianças, a reflectir, a produzir os seus próprios textos, desenhos, sons, vídeos... Aspira-se a que os alunos se tornem mais dinâmicos, reflexivos e comunicativos, demonstrando capacidade para produzir e publicar o seu trabalho.

→ Blogs

<http://criativaescrita.blogspot.com/>

Neste *blog* pode encontrar imensos recursos sobre escrita criativa, informação sobre quase todos os livros publicados em Portugal acerca deste tema e ligações a sítios que promovem a escrita criativa não só em Portugal como “pelo mundo”

<http://oficinaescritacriativa.blogspot.com/>

Projecto de Fernando José Rodrigues, no âmbito das actividades desenvolvidas enquanto professor, na Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo, em Leiria, este *blog* está aberto a alunos, professores e funcionários da escola interessados em procurar, dentro de si mesmos, a imaginação para contar histórias, aprofundar o que se vê e o que se poderá ver para além do mundo exterior, descobrir que num grão de areia pode estar um mundo infinito.

<http://eslv.blogspot.com/>

Trata-se de um *atelier* de escrita criativa de alguns professores da Escola Secundária de Linda-a-Velha. Como os próprios autores se classificam: “Um verdadeiro *blog* sem pretensões. Só criações e opiniões.”

http://www.escola-apel.com/index.php?option=com_content&task=blogsection&id=4&Itemid=9

Este é o *blog* do Clube da Escrita Criativa da Escola da Associação Promotora do Ensino Livre (APEL)

A Escola da APEL, no Funchal, tem um clube de Escrita Criativa, cujo objectivo principal é ocupar os tempos livres dos alunos com actividades lúdicas que vão ao encontro dos seus gostos e preferências.

Assim, todos aqueles que têm uma apetência especial pela escrita podem participar escrevendo textos das mais variadas tipologias.

→ Outros sítios em que pode participar

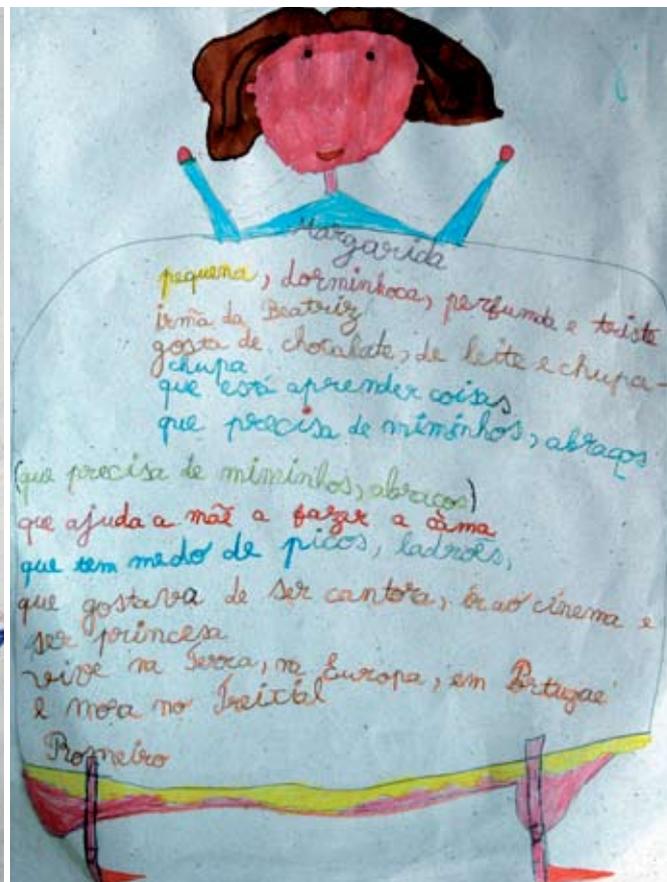
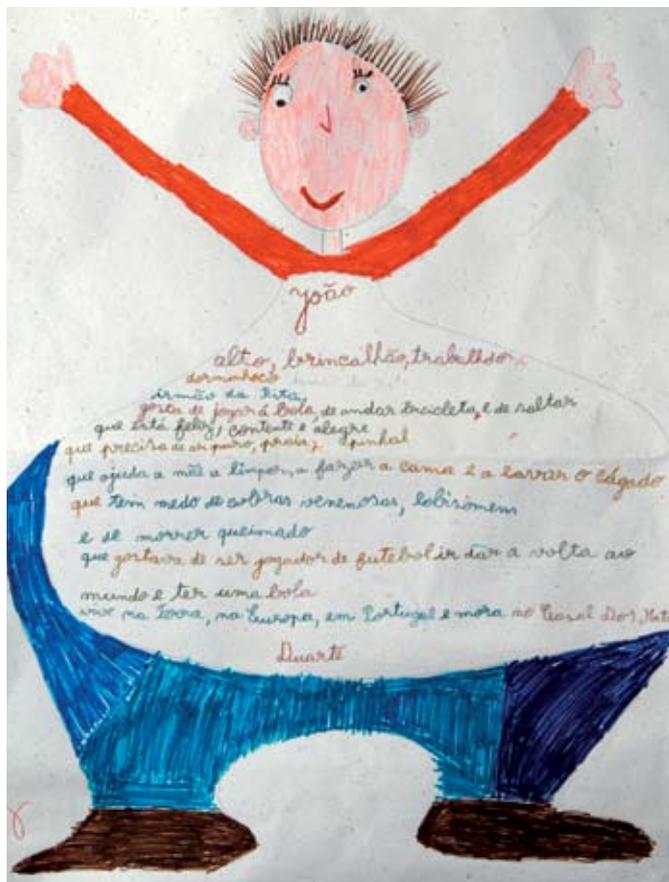
<http://www.escreva.com/>

O *escreva.com* é um lugar na Internet que investe na criação de textos originais baseados num tema. Mas, quer para participar, quer para poder ler os textos, tem de se registar primeiro como elemento desta comunidade.

<http://www.escritacriativa.com>

Escrita Criativa, para além de ser uma pequena editora, é um espaço para onde se pode enviar textos para publicação. É, no entanto, necessário registar-se previamente. Neste sítio pode-se também ler crónicas e entrevistas relacionadas com a escrita criativa, das quais se destacam as realizadas a Luís Carmelo, Miguel Viterbo e Rui Zink. ::

Na sala de aula



O RIO PARTIU-SE

Na sala de 2.º ano do professor Luís Mourão, a escrita criativa é, acima de tudo, uma forma de estar na vida, que pressupõe o recurso à escrita como modo de aceder à criatividade no sentido mais lato da palavra. Um caso em que a experiência teatral do professor enriquece a sua actividade na sala de aula.

J. chegou ao pé de mim e comunicou-me, tal como tinha anunciado a toda a gente, que fazia anos. Sete anos. Foi por isso que nós decidimos fazer um bolo de mentiras naquele dia.

Escrevemos mentiras, grandes mentiras, com empenho e fúria, sobre nós e sobre os outros, em pedaços de papel que juntámos numa caixa de sapatos e, depois de termos baralhado tudo, tirámos à sorte para ver se descobríamos quem tinha escrito o quê.

Às vezes era fácil: J. escreveu “Eu não faço anos”. Outras vezes não era tão fácil: E., por exemplo, resolveu dizer-nos “Eu [sou] azul cor-de-rosa laranja” e ficámos ali a olhar uns para os outros até repararmos que E. estava mesmo azul cor-de-rosa laranja.

Este jogo, com direito a canção de parabéns e muito riso, é um dos muitos que fazemos quase todos os dias, aqui, na sala do 2.º ano da Escola da Várzea – Agrupamento de Escolas Dr. Correia Mateus, em Leiria.

E, lentamente, estas brincadeiras com os sons, as palavras e as frases vão-se tornando parte integrante da forma como vamos crescendo. Conversando, claro, lendo e escrevendo, comunicando e comunicando-nos melhor. Nem todos da mesma forma, nem todos com o mesmo domínio instrumental, porque nisto como noutras coisas cada um sabe de si.

Trabalhamos sempre sobre estruturas simples. Porque, além do mais, é esta rudimentaridade inicial que nos permite, mais tarde, complexizar infinitamente. E é precisamente na forma como elaboramos sobre a simplicidade que nos revelamos. É o estilo, se quiserem. Mas, também, o espelho de competências de escrita mais ou menos desenvolvidas. O modo como somos capazes de encontrar formas eficazes de corporizar as ideias e a forma como nos entendemos quanto às suas consequências em nós e nos outros.

Para mim, todos os jogos de escrita que fazemos são como pedrinhas que vamos deixando no chão desta enorme selva fonética, ortográfica, sintáctica e gramatical que temos forçosamente de atravessar. São sinais, quase imperceptíveis, que nos permitirão um dia regressar à extrema eficácia comunicacional. Ou descobri-la. E é ao acto de encontrar estas marcas que chamamos criatividade.

Há um ano chovia torrencialmente. Uma noite, por toda a região, caíram muros e árvores, inundaram-se casas, armazéns e ruas. H. chegou à escola, de mochila às costas, ziguezagueando por entre o intransitável e correu para mim: “Professor,” disse ele, “o rio partiu-se”.

O rio partiu-se. O nosso maior objectivo é voltar aqui.

DESENHAR UMA PORTA

Como se fosse um barquinho de filigrana, vamos construindo a ideia de que nos conhecemos bem. Todos o fazemos de forma contínua e imparável, como se fosse natural que nos conhecêssemos até à revelação que nos permite antecipar comportamentos e atitudes. Não é verdade, creio eu, mas, a cada novo ano com as mesmas crianças é como se fosse mais verdade.

Felizmente elas têm uma proverbial e reconhecida capacidade de nos surpreender todos os dias. Uma habilidade especial de fazer diferente e ser diferente, quando querem, independentemente do local e do tempo. As crianças são neste aspecto personagens dramáticas ideais. Protagonistas que se admiram constantemente quando não aplaudimos e quando aplaudimos. Mistérios, portanto.

No início deste ano, estava eu muito quietinho a olhar para elas e a pensar que tinham passado três meses sem as ver e havia já tanta coisa diferente quando percebi que nunca as tinha conhecido. Nunca, mesmo. Reconhecerei que é legítima a minha inquietação depois de termos passado quase mil horas juntos durante o ano pretérito. Mas foi mesmo assim.

Precisava de um jogo que pudesse ser repetido algumas vezes, em tempos diferentes e até sobre diferentes pessoas ou coisas e que permitisse deixar registos comparáveis e padronizáveis. Um jogo de escrita que fosse exercício solitário simples, relativamente rápido, possibilitando a crianças pouco mais do que emergentes das fases iniciais de domínio da escrita exprimirem-se



sem grandes dificuldades. Sendo que, independentemente da qualidade do produzido, deveria ser obrigatoriamente estimulante, divertido e eficaz. Um jogo que me ajudasse a perceber melhor o que está por dentro das cabeças dos meus alunos. Batendo à porta e pedindo para entrar, evidentemente.

E lembrei-me dos biopoemas. Estruturas muito abertas assentes num formalismo superficial de muito fácil leitura que permitem trabalhar sobre quase tudo, objectos de pesquisa, pessoas, animais, coisas e, sobretudo, sobre nós. Os biopoemas são muito utilizados, particularmente pelos norte-americanos, nas etapas iniciais de um processo de dinâmica de grupo, nas escolas, nas empresas ou informalmente mas, como acontece com quase todos os bons exercícios de escrita criativa, não são de ninguém e podem ser usados como muito bem acharmos conveniente. Podem ser alongados ou condensados, laudativos ou insultuosos, uma cadeia de verdades ou de mentiras descaradas que, na verdade, nada de essencial se altera. Um biopoema é sempre nosso em toda a sua dimensão.

Na verdade, o seu único elemento estável é o primeiro verso ser o nosso nome e o último o apelido. Não é coisa desprezível.

QUERER BEIJOS E MIMINHOS E TER MEDO DE LOBISOMENS E ALTURAS

Noutro dia, cheguei à sala e escrevi no quadro o meu biopoema. Não é exemplo para ninguém, mas serviu para começarmos a conversar.

O nosso poema tem 11 versos, podia ter cinco ou 15, mas tem 11, como agora se vulgarizou, e parece bem ser assim. Ainda está vazio, como o quadro que eu me apressei a apagar. Quando tudo parecia ter ficado suficientemente esclarecido disse-lhes: “Primeiro verso: o nome”. Fácil.

A primeira decisão teve de ser tomada quando partimos para o segundo verso. Isto é, agora que tínhamos escrito o nosso nome seria melhor, ou não, fazer de conta que estávamos a falar de outra pessoa? Escrever sobre nós como se não estivessemos a escrever sobre nós? Aos sete anos? A M. decidiu a coisa assim: “Tanto faz.” É verdade. Mas também é verdade que todos, neste caso, escreveram como se falassem de outros.

A grelha de indicações utilizada foi esta:

- 1.º O nome (só)
- 2.º Quatro adjectivos que o descrevam
- 3.º Irmão ou irmã de ...; filho ou filha de ...; etc.
- 4.º Gosta de ... (fazer; ver; comer... três coisas, sítios ou pessoas)
- 5.º Que se sente (contente; triste; feliz; aborrecida... três coisas)
- 6.º Que precisa de... (três coisas)
- 7.º Que... (dá ou faz aos outros... três coisas)
- 8.º Que tem medo de... (três coisas)
- 9.º Que gostava de... (ir; ter; ser... três coisas)
- 10.º Que vive (ou que mora; ou que vive... e mora...)
- 11.º Apelido (só)

A cada novo verso renovava-se o tema da conversa. E, aos poucos, cada um de nós ia aprendendo mais sobre os outros. E sobre a escrita também. Como é que juntamos um enunciado de forma coerente e agradável? Pontuamos as frases construídas ou deixamos que se possam misturar com as outras? Eles têm sete anos mas trabalharam muitos poemas durante o seu primeiro ano na escola, sabem um bom punhado de memória e sobre cada um deles muito mais do que eu suspeito. Por isso, suponho,

esta conversa me faz, aqui e ali, esquecer que ainda são tão pequenos e seja preciso olhar para eles para domesticar um comentário ou adoçar uma ideia. Suponho que, de alguma forma, este esquecimento seja também um modo de sofrer directamente o que é escrever criativamente. Talvez faça parte.

Uma das virtudes do trabalho com estes níveis de escolaridade é podermos, digam o que disserem, gerir os tempos e as matérias de acordo com as crianças, os seus interesses e necessidades mas, hoje, era eu que já estava a ficar cansado e decidi acabar no sétimo verso. Amanhã se continuaria, e agora uma coisa completamente diferente, mas não. E como não, lá acabámos todos os biopoemas tarde e a más horas. Eles tinham razão, foi melhor ir almoçar a saber que este tinha medo de cobras venenosas e outro de morrer na queda de um avião, outro de morrer queimado e outro de lobisomens e que muitos, todos creio, precisavam de beijos e mimosinhos, festas e coisas boas.

Ficou, como podem ver, provado à saciedade que tanto pode ser assim como de outro modo. Demorar 10 minutos ou três horas, ser escrito por adultos ou crianças, de sete ou 10 anos, adolescentes ou jovens adultos, indiferenciadamente. Talvez os medos e os gostos, talvez o que fazemos a nós próprios ou aos outros mude. Talvez.

A minha colega Paula, porque a Helena com o seu primeiro ano ainda anda às voltas com outras coisas, experimentou um biopoema com o seu quarto ano e aprendeu tanto como eu. Simples, muito mais rápido e, pelo menos, tão eficaz.

Se há coisa bonita na escrita criativa, seja qual for o exercício, é ver como as ideias contaminam o papel e por ele se espriam e como em cada ideia vai um pedaço de nós. Ficamos todos tão bonitos.

No dia seguinte voltámos aos poemas para corrigir e alterar. Ninguém alterou nada, mas fizemos cartazes. Cada um de corpo inteiro com o biopoema na barriga.

Colámos os cartazes na parede do átrio. E realizámos uma visita guiada pela cabeça de cada um, naquele dia, naquela hora, naquele instante. Em breve lá voltaremos. ::



CADA UM DE CORPO INTEIRO COM O BIOPOEMA NA BARRIGA

J....

Alto, brincalhão, trabalhador e dorminhoco

Irmão de R....

Gosta de jogar à bola, andar de bicicleta e saltar

Que está feliz, contente e alegre

Que precisa de ar puro, praia e pinhal

Que ajuda a mãe a limpar, a fazer a cama e a lavar o cágado

Que tem medo de cobras venenosas, lobisomens e morrer queimado

Que gostava de ser jogador de futebol, dar a volta ao mundo e ter uma bola

Que vive na Terra, na Europa, em Portugal e mora no Casal dos Matos

D....

M...

Eu sou magra e baixa

Eu tenho uma irmã chamada Beatriz

Eu gosto de chocolate e de pão

Eu aqui sinto-me feliz

Eu preciso de ajuda

Eu tenho medo de tubarões

Eu gostava que o meu pai viesse

R...

G...

Eu sou magro, apanhador de cobras e irmão do Daniel

Gosto de jogar à bola e de brincar no baloiço

Eu gosto de brincar às escondidas

Eu sinto-me triste

Eu sinto-me feliz

Ajudo o meu pai nas manilhas

Tenho medo de vampiros

Eu gostava de ter uma cobra gigante em casa

C...

M...

Magra, comilona, dorminhoca e alta

Amiga da Beatriz

Gosto de andar de trotineta e de bicicleta e de comer chocolate

Sinto-me feliz, contente e alegre

Preciso de roupa, de água e de respirar

Ajudo a mãe a fazer a cama

Ajudo a mãe a limpar o pó

Tenho medo de tubarões e de maus e de cães

Eu gostava que já fosse Natal e de fazer uma dança e queria ganhar o totoloto

V...



COMO DESENVOLVER UM INESGOTÁVEL PATRIMÓNIO DE IDEIAS?

Texto de **Elsa de Barros**
Fotografias de **Inácio Canto e Castro**

A professora de Língua Portuguesa, Helena Skapinakis, circula por entre os alunos que, sentados dois a dois, escrevem histórias, uns no computador portátil e os outros no papel. A todos a professora coloca interrogações e dá sugestões para que vão mais longe e sejam mais criativos, procurando desenvolver o seu património de ideias, tornando-o cada vez mais inesgotável.

Os alunos, sentados dois a dois nas mesas, escrevem. Um no teclado do computador portátil e o colega do lado com a caneta no papel puxam pela imaginação para dar continuidade à história começada na aula anterior, na qual tem de acontecer – nada mais nada menos – do que algo impossível.

Tudo se passa no Beco das Sardinheiras, cenário de um conto da autoria de Mário de Carvalho, lido na sala de aula. Quanto ao enredo, tem de obedecer a algumas condicionantes: conter personagens da história original e incluir a frase “Não confundir o género humano com o Manuel Germano”. E, além do mais, o texto tem de ser construído em torno de um acontecimento fantástico, que constitua um verdadeiro desafio tanto para quem lê como para quem escreve.

Foi precisamente este o desafio lançado pela professora de Língua Portuguesa, Helena Skapinakis, à turma do 8.º A, da Escola EBI Dr. Jorge de Lencastre, em Grândola, tirando partido dos computadores portáteis atribuídos no âmbito da Iniciativa *Escolas, Professores e Computadores Portáteis*.

Como os computadores só dão para metade dos alunos, uma vez escrevem uns a história recorrendo às novas tecnologias e, na vez seguinte, trocam com o colega que redigiu à boa maneira tradicional, de papel e caneta. Todos preferem escrever no computador, mas aceitam as regras sem protestar, porque sabem que, na vez seguinte, vão ficar em igualdade de circunstâncias.

“É mais fácil escrever no computador”, argumentam uns. “Dá para mudar sem ter de riscar nem passar a limpo”, afirmam outros. “Assinala os erros e corrige as palavras”, referem alguns. “É mais criativo: podemos escrever e alterar sempre que quisermos”, concluem.



→ ESCREVER SOBRE ALGO DE EXTRAORDINÁRIO

A professora Helena Skapinakis concorda com os estudantes quanto às vantagens da utilização do computador para o desenvolvimento da escrita criativa: “Estou sempre a dizer aos alunos para não considerarem os textos como um produto acabado. Recorrendo ao processador de texto, é mais fácil mexerem no que escreveram e voltarem atrás sempre que quiserem”.

No âmbito da Iniciativa *Escolas, Professores e Computadores Portáteis*, a escola candidatou-se e obteve 24 computadores portáteis. Helena Skapinakis e uma colega, Susana Dolores, ambas efectivas, ficaram à frente do projecto que envolve duas turmas do 3.º ciclo, desde o 7.º ao 9.º ano.

O 8.º A é uma dessas duas turmas que, desde o ano passado, se dedica à escrita recorrendo aos computadores portáteis. “Os alunos escrevem três textos por período, cada um durante duas aulas de 90 minutos. Enquanto

escrevem, circulo pela sala, dialogando individualmente com cada um deles, procurando dar-lhes estímulos para que vão mais longe, para que enriqueçam as histórias”, explica a professora de Língua Portuguesa.

É exactamente o que faz com Telma, de 15 anos, que está a inventar uma história, passada no Beco das Sardinheiras, em que um dos personagens, o Andrade da Mula, perde os óculos. “Não é impossível perder uns óculos, pois não?”, questiona a professora. E sugere: “Para que aconteça algo de extraordinário, porque não escreves sobre uns óculos que não queriam ser usados e que, por isso, estavam sempre a perder-se?”

A aluna olha para a professora, primeiro com espanto, e logo depois com um novo ânimo. “Eu não sabia o que havia de acontecer aos óculos e assim já estou a ter uma ideia!”, exclama, escrevendo com entusiasmo redobrado no teclado do computador, para aproveitar a onda de inspiração.



Os alunos vão enriquecendo o seu património de ideias, criando um maior leque de possibilidades de escolha para desenvolverem o enredo das histórias que inventam.

Já João, da mesma idade, está num momento de pausa, concentrado na tentativa de optar pela melhor ideia para dar seguimento a um enredo que inclui naves espaciais e ataques de venusianos à Terra. “As personagens estão juntas no bairro, quando um dos vizinhos vê umas luzes estranhas no céu e julga que é uma das invenções de um tal Andrade. Mas o Quim afirmou logo que eram venusianos que vinham destruir a Terra”, conta. “Agora estou aqui a pensar, a professora falou comigo para eu encontrar razões para explicar esse acontecimento. Tenho várias ideias e preciso de escolher. Pode ser porque os humanos queriam destruir Vénus para receberem mais luz e, então, os venusianos procuram vingar-se. Ou então porque os venusianos querem que o seu planeta seja o único a estar em órbita.”

→ AUMENTAR O PATRIMÓNIO DE IDEIAS

Um dos grandes objectivos de Helena Skapinakis é aumentar o património de ideias dos alunos, estimulando a leitura:

“Como lêem pouco, não têm património de ideias. Para estimular a criatividade, leio-lhes em voz alta e trago livros para a aula, adequados à sua idade, para que possam ler durante as actividades lectivas. Também vou com eles à biblioteca da escola, onde têm de escolher um livro para ler”.

Deste modo, os alunos vão enriquecendo o seu património de ideias, criando um maior leque de possibilidades de escolha para desenvolverem o enredo das histórias que inventam, recorrendo à sua imaginação e às situações que consideram mais inspiradoras nos livros de outros autores.

“Os alunos podem trocar ideias uns com os outros enquanto estão a escrever, podem pedir sugestões aos colegas e dar-lhes pistas para continuarem as suas histórias”, refere esta professora, que está sempre a pensar em novas formas de estimular a criatividade dos estudantes. “Recorrendo aos computadores portáteis, é possível colocar os textos acessíveis para que os colegas os possam ler, comentar e, eventualmente, apresentar sugestões”.

É mesmo de sugestões que André, de 13 anos, mais precisa no momento em que se encontra perante um dilema criativo. Com *phones* nos ouvidos, ouve a música do MP3, o que, segundo o próprio, o ajuda a encontrar concentração para a escrita do texto intitulado *O portátil carnívoro*.

Depois de uma primeira ideia forte, de acordo com a qual o portátil devorava todas as pessoas que lhe tocavam, à excepção do dono, André está indeciso quanto à continuação da história. O que é certo é que o portátil, de tantas pessoas comer, estava cada vez maior e mais gordo, causando estranheza no dono, que não percebia como tal fenómeno era possível.

Mas, agora, o que poderia o dono fazer, confrontado com um portátil tão grande e tão gordo? “Ainda estou a pensar...”, refere o aluno. “Pode, por exemplo, atirar o portátil fora. Ou então mandá-lo arranjar”, pondera, indeciso quanto à melhor opção para o estranho caso do portátil carnívoro.

ENREDOS MAIS PSICOLÓGICOS VERSUS ENREDOS COM MAIS ACÇÃO

Inês, de 13 anos, por seu lado, está perante um impasse. Dotada de uma grande criatividade, tecla rapidamente no computador, procurando colocar no

ecrã as ideias que lhe surgem em cata-dupa. “Sei que a pontuação não está muito bem e que o texto está com erros, mas agora vou-me preocupar com as ideias e, no fim, revejo o que escrevi para melhorar estes aspectos”, pondera, revelando consciência daquilo que tem de aperfeiçoar na escrita.

Mas, de momento, a sua grande preocupação é o que há-de fazer ao aparelho para os ouvidos de umas das vizinhas do Beco das Sardinheiras que, depois de comprar um telemóvel, se viu perante a estranha situação de ouvir animais em vez de pessoas.

“A senhora ligou para o marido e, em vez de conseguir falar com ele, ouviu um gato a miar. Ficou preocupada e foi com uma vizinha ao hospital onde lhe tinham trocado o aparelho para os ouvidos para ver se lhe conseguiam resolver o problema”.

“Como achas que se pode resolver o problema?”, questiona a professora. “Podem, por exemplo, trocar o aparelho para a senhora ficar a ouvir bem”, diz a aluna. “E se pensares, antes, que a senhora pode estar a fazer uma associação entre uma pessoa e um animal?”, sugere a professora. “Ah, é psicológico!”, exclama Inês. “É o animal que está dentro de cada um de nós...”, avança a professora. “Boa!”, concorda a aluna, lançando-se ao trabalho com alento redobrado.

Quanto ao Marco, de 13 anos, não se pode dizer que o entusiasmo seja o mesmo, não por causa do enredo da história, mas por estar a escrever no papel, dificultando a reescrita do texto, de acordo com as sugestões da professora. Quando tinha dado a sua história por terminada, satisfeito por ter inventado uns óculos especiais que viam as coisas

a três dimensões e em raio-X, Helena Skapinakis propôs-lhe que não fosse tão resumido, que desenvolvesse mais determinados pormenores, enriquecendo o desenrolar do enredo. Não é que Marco não concorde com a professora. Concordar até concorda, o que não o impede de suspirar: “Se eu estivesse a escrever no computador, era mais fácil...”

“Nestas idades, verifica-se uma diferença significativa entre rapazes e raparigas. Enquanto elas escrevem textos mais psicológicos, com mais ref exão, eles são mais virados para a acção exterior. Mas, como têm muitas ideias para a acção, acabam por ter dificuldade em desenvolver a história, em descrever os detalhes para enriquecer o enredo”, considera a professora.

TRABALHO DIFERENCIADO, DEPOIS DA ESCRITA DAS HISTÓRIAS

Os alunos, à medida que terminam a história, optam pela realização de outros trabalhos. Joana, de 15 anos, vai ao dossier colectivo retirar uma ficha de funcionamento da língua sobre o tema “Orações coordenadas e subordinadas”. Nessa ficha, são-lhe pedidas tarefas tais como classificar as conjunções, dividir a frase em orações e classificar as mesmas.

Estas fichas pertencem a um dossier, elaborado pela professora, de acordo com uma determinada progressão no conhecimento, que pressupõe a aprendizagem autónoma por parte dos alunos. Existem fichas explicativas, de aplicação e de treino que, executadas por ordem, permitem a aquisição dos conceitos de funcionamento da língua.

“Nós fazemos as fichas por ordem”, explica Joana. “A professora vê e corrige antes de passarmos à próxima ficha”. “Em termos de preparação, exige muito trabalho”, considera Helena Skapinakis. “Faço as fichas e, depois, vou-as aperfeiçoando. Quando me chamam muitas vezes para tirar dúvidas, é porque têm de ser melhoradas. Os alunos devem ser capazes de conseguir fazer as fichas de forma autónoma”.

Inês, por sua vez, opta pela leitura de um dos livros trazidos para a aula pela professora. “Vou começar a ler o livro e continuo quando tiver tempo. Podia também ter escolhido uma ficha, mas nesta aula vou ler e, para a próxima, tenho de fazer uma ficha”, explica.



“Em vez de privilegiar as aulas expositivas, aposto nas aulas baseadas no trabalho. Quando os alunos estão a trabalhar, as aulas passam rapidamente e cria-se outro tipo de ambiente, mais informal, em que eles se relacionam afectivamente com o professor e, por esse motivo, não criam uma postura de oposição”, afirma a professora, que, a par do trabalho, valoriza a questão da avaliação. “A avaliação é um ponto muito importante. Os alunos guardam as suas produções no portfólio e, no fim do período, estas contam para a avaliação. Tudo conta para a avaliação, que é o resultado do trabalho diário. É assim que se investe na responsabilização”. ::